

ANTECEDENTES E CONSEQÜÊNCIAS DA CONJURAÇÃO MINEIRA

Satyro Benedicto de Oliveira

‘Nada Supera o Valor de um Dia’

GOETHE

Do notável Dom Francisco de Aquino Corrêa ocupo a tribuna estética para cumprir honroso mandato com que me distingue o ilustre confrade, Presidente Clóvis de Mello, a fim de algo aduzir sobre **Antecedentes e Conseqüências da Conjuração Mineira**, maior cruzada patriótica de aspirante libertação colonial.

Personalidade forte, com o povo irmanado - curandeiro, dentista, tropeiro, estudioso e prático de mineralogia, mascate, militar, entranhado autodidata -, tornou-se, o mineiro da gema Joaquim José da Silva Xavier, um sobranceiro Libertador (rija têmpera de aço - inquebrável aço de Toledo), inserido na saga prodigiosa de George Washington, Juan José de San Martín, Simón Bolívar, Pablo Benito Juárez, Giuseppe Garibaldi, etc.!

Causas múltiplas, internas e alheias, provocaram (1789) Conspiração intrépida no sagrado solo das Gerais, que Dom Pedro I denominaria **heróica província**. O movimento audacioso de belo irredentismo hauriu vigor na emancipação das treze colônias inglesas da América do Norte (04/07/1776), que suscitou brasileiros moços de Universidades européias. *‘Em Coimbra, doze estudantes, combinando declara do Brasil independente, comprometeram-se a levar avante a idéia, quando fosse possível’* (Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro - História Geral do Brasil, 4ª ed., tomo IV, São Paulo, 1952, pág. 311).

Novas concepções, políticas e filosóficas, empolgavam a Europa, desencadeando, em 1789, a Revolução Francesa, com a destruição da Bastilha, cárcere modelo de nefando absolutismo (14 de julho).

Patrícios jovens de abastadas famílias, que no Continente Velho cursavam (Paris, Londres, Bordéus, Montpellier), cedo captaram devaneios transformadores.

Na França, o Enciclopedismo, sob o império da razão, domina o Século das Luzes (1701/1800), reagindo ao pensamento medieval para insuflar os próceres da Revolução Francesa, primordialmente no enfoque da *"Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão"*. Visa dignificar a Inteligência, que pode tudo esclarecer, inclusive os dados da Revolução, para servenia ou emenda.

Já o Iluminismo - filosofia das luzes -; influxo, na Alemanha, de Humanismo resultante da Renascença (Séculos XV e XVI) e que, só no século XVIII, dos Países Baixos, da França e da Inglaterra oriundo, essencialmente **crítico**, veio consistir em **análise** posta sob o axioma de que toda realidade, material ou espiritual, é suscetível de sofrê-la. Importa clarear intelectos, despertando-lhes com perspicácia o hábito de **análise**, à evidência da qual se dissiparão as obscuridades da mente, responsáveis por todos os males, paixões, tiranias, ódios antiquíssimos. Eis a definição precisa do cerebral Emmanuel Kant: *"Iluminismo é a emancipação do homem, egresso da menoridade intelectual, onde até então voluntariamente vivia. Chamo menoridade a incapacidade humana de usar sua inteligência, sem tutela exterior. Incapacidade, falha moral, quando procede, não de uma deficiência de discernimento, mas de uma falta, de coragem e de energia, imputável à vontade"*. **Ousa empregar teu juízo!** É o lapidar **código iluminista**.

Das luzes do século entusiastas, nutridos em cidadelas de nítida evolução democrática, os aplicados mineiros mostraram a excepcional tônica da maquinação valente. Assim, lugares da Europa - França na vanguarda - constituíram fonte das noções políticas e os Estados Unidos,

paradigma de sua concretização. Liam-se os filósofos daquela e os autônômicos fatos do hemisfério setentrional. Manuseavam-se cópias da Constituição ianque - 17 de setembro de 1787 (lacônica: sete artigos). Estratificada rocha das instituições americanas, tarefa inestimável - quase quatro meses - dos delegados (39 signatários) à Convenção de Filadélfia, o documento presidencialista duradouro atinge 205 anos, mudando, não na essência, mas nos acidentes - resguardada terminologia escolástica -, via retoques textuais ou várias decisões da Corte Suprema.

No rol dos intestinos "*leitmotiv*" (motivos condutores), abrangentes, regionais, os de natureza econômica e tributária granjeiam destaque. Ao redor de 1750, vagarosa exaustão das minas corrói a Capitania declinante; produção parca impele árdegas hostilidades a Lisboa e seus caprichos mesquinhos. Aturdem as desavenças - mineradores "*versus*" agentes do fisco -, à conta da modalidade vil por que se arrecada o imposto sobre o ouro.

As Casas de Fundição continuam reclamando a quina, parte do peso do louro metal derretido. Apático aos tormentos da comunidade, o Governador de Minas, Luís Antônio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, resolve lançar **derrama** (cobrança de tributos atrasados, pelo Marquês de Pombal instituída em 1765), prenunciativa de violência (os Dragões - oficiais do Governo lusitânico - poderiam residências invadir, saquear, prender e torturar os que se opusessem). Em 1789, os quintos não pagos totalizavam 596 arrobas de ouro, importância que a população exangue não suportaria quitar, mesmo sob a espada de Dâmocles (perigo iminente de outra derrama).

Imposições da geografia e razões de sangue, robustecidas pela flagrante mágoa da Metrópole glacial, juntaram-se na característica moldura de um propósito brasileiro que fina flor da sociedade viabilizava em desveladas e douradas lucubrações. À sua maneira, por exemplo, sem o saber, singularizaram-se os revoltosos: primeiros tributaristas do país.

Não se discute, outrossim, a convicção de nacionalidade que

patenteava, para breve consolidar-se no Brasil, sonhando todos com a Independência e a República. Límpida emerge sublevação corajosa dos não resignados perante os falsos ditames da Coroa malévola.

Brioso espírito de auto-suficiência procura dar política exequibilidade à tendência nativista que reapontava no subconsciente da população, malgrado parcelas não apoiarem: temor da repressão lusitana, que pretéritas rebeldias já punira, e descrença porque nada reverteria situação miserável.

Imediata seqüela: prisão dos envolvidos, ante a delação ignóbil dos traidores, coronel contratador Joaquim Silvério dos Reis e dois cúmplices.

Duas devassas (perto de três anos) redundaram em sentença condenatória, modificada pela Rainha D. Maria I, a **Piedosa** (punição letal só para o conjurado mais pobre, menos letrado, de família não influente, o bravo Alferes Joaquim José da Silva Xavier que, traído, em tempo nenhum atraiçooou, com a culpa "*in totum*" arcando!).

Trago a lume conseqüências de vulto:

1) Fomento para vindouros esforços de rebelião, como a Inconfidência Baiana ou Conjuração dos Alfaiates, fruto da 1ª Sociedade Secreta do Brasil, congraçando eruditos - "*Loja dos Cavaleiros da Luz*" -, na Bahia fundada em 1797 (como égide preceitos do Iluminismo e das Revolução e Maçonaria Francesas - liberdade, igualdade, fraternidade). Na manhã de 12 de agosto de 1798, muros de Salvador cobertos de cartazes (concitação ao povo para insurgir-se, defendendo a "*República Baiense*", que poria em voga igualdade social, franquia de comércio, livre trabalho, extinção dos privilégios e preconceitos). Fernando José de Portugal e Castro, 2º Marquês de Aguiar, Governador da Bahia, de 1801 a 1806 penúltimo Vice-Rei, suprimiu a intentona, com a detenção dos rebeldes, aos quais diferentes penas cominadas (**de morte**, para os quatro líderes mulatos - **alfaiates** João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira, de 17 anos, e soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens).

2) O Príncipe D. João, adiante D. João VI, assumiu governo em 10 de fevereiro de 1792 (impedimento da mãe - Rainha D. Maria I -, acometida de loucura) e, oficialmente, tomou a regência - 16 de julho de 1799. Em 1807 obrigado a transferir-se, com a Corte, para o Brasil, devido à inimizade Portugal-França (luso território por tropas napoleônicas invadido: chefe o General Andoche Junot, duque de Abrantes. O último Vice-Rei, D. Marcos de Noronha e Brito (8º Conde dos Arcos), governou de 1806 a 1808, cabendo-lhe, a despeito de recursos exíguos, aprestar o Rio de Janeiro para receber D. João, D. Carlota Joaquina e o séquito.

A esquadra que, a 27 de novembro de 1807, de Lisboa zarpou (a bordo régio pessoal), de quinze naus e dez mil personagens compunha-se. O soberano, exercitando vigente direito de **aposentadoria real**, inúmeras casas requisitou, para que alojados fossem os membros de sua comitiva, nelas postas iniciais P.R. - Príncipe Regente -, que a plebe traduziu: "Ponha-se na Rua"! 08 de março de 1808: efetuaram os cariocas recepção festiva e surde mais uma etapa em nossa História, findando a era dos Vice-Reis, mediante o princípio da cognominada **inversão brasileira** (simples colônia para sede da Monarquia).

3) Revolução, Insurreição Pernambucana (1817) - A economia do açúcar (numerosos engenhos) acarreava série de compromissos (impostos exorbitantes, opressora gestão militar, descontentamento coletivo).

Anseios autóctones jungiam-se disparando Pernambuco na rota revolucionária. Entidade secreta idônea, o Areópago de Itambé, da lavra do Padre Arruda Câmara, polarizou a emissão de anticoloniais pruridos.

Análogo foco emancipacionista: o Seminário de Olinda, pelo Bispo Dom José da Cunha de Azeredo Coutinho criado em 1800 (atividade saliente de Miguel Joaquim de Almeida Castro, Padre Miguelinho).

No estabelecimento que lhe forneceu rótulo, em 1801 desabrolhou a Conspiração dos "Suassunas" quando, para subverter, pernambucanos

de gabarito se harmonizaram. Divulgação minúscula (quedou-se nos intentos). Não desvalioso germe fecundaria, contudo, 16 anos avante.

Decorosos militares, padres, maçons e políticos, num somatório proficuo se agregaram, "*verbi gratia*" Domingos José Martins, José Inácio de Abreu e Lima - Padre Roma -, José de Barros Lima - "*Leão Coroado*" -, Padre Miguelinho e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (Ouvidor em Olinda, irmão do Patriarca José Bonifácio).

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Capitão-General Governador, futuro Marquês da Praia Grande, ordenou a prisão dos insurgentes (março de 1817). Resistiram os militares, o Governador preferiu capitular, implantando-se a Revolução (exaltado Capitão Pedro da Silva Pedroso garantiu a vitória). Com cinco representantes de cada classe (clero, magistratura, comércio, agricultura e forças armadas), Governo interino prevaleceu, durante dois meses e meio, com adesões vizinhas (parte do Nordeste obstinada).

Por baixo do guante de D. Marcos, então Governador da Bahia, Insurreição quimérica, de cunho republicano e federativo, malogrou (mentores condenados à morte - fuzilados alguns, outros enforcados - e os restantes prisioneiros, muitos anistia ganhando em 1820).

Das transatas diferindo, a conflagração de Pernambuco chegou a instalar governação republicana, escolher bandeira e, no romântico delírio, preparou Lei Orgânica, descortinando incipientes ângulos de potestade raquítica.

4) Independência do Brasil, em 07 de setembro de 1822, declarada por seu Defensor Perpétuo, D. Pedro I, às margens do Ipiranga, três decênios após enforcamento e retalhadura ignominiosos.

5) Proclamação da República, fundada - 15 de novembro de 1889 - pelo Marechal, Generalíssimo, Manuel Deodoro da Fonseca, deposto D. Pedro II, um século depois da sacrossanta rebelião nas Alterosas.

6) O estandarte formoso para o alvitrado regime (proposta de Joaquim da Silva Xavier: triângulo rubro - a Santíssima Trindade -, nele gravado significativo lema, sugerido por inconfidente-poeta, o graduado Inácio José de Alvarenga Peixoto - verso éclogo de Virgílio escorreito: *“Libertas qual sera tamem”* - **Liberdade ainda que tarde**. Não é que o Estado montanhês adotou a **dupla simbologia** (bandeira triangular e consentânea divisa), protótipo, aliás, de Governo modesto, como convém à República, e austero, qual o gosto dos mineiros.

No ducentésimo aniversário de abjeta execução da figura dramática de Tiradentes, máximo Herói da Pátria inconsútil, aquele que olvidar soube o pensamento de sua pessoa, de sua carreira e de sua vida, para unicamente abrasar-se na flama de alto e nobre anelo, doando a existência em holocausto ao veemente sonho de querer o torrão natal grande, livre, belo, soberano, justo, próspero, cioso do presente, dono do porvir, árbitro de sua sorte, reivindico para Minas uma vocação liberal estupenda, sem descurar os graves problemas que a comunidade afligem.

O social-liberalismo palmeará, plácido, custoso trajeto rumo a modernização impostergável. Friso, porque pertine, a descomplicada lição do Chanceler atuante, renomado Professor Celso Láfer: **“O liberalismo de inovação mescla modernidade com aspirações éticas de justiça.**

Volvamos raciocínios e corações, refletindo e vibrando, em direção a Ouro Preto, por iniciativa de Getúlio Dornelles Vargas uma Cidade-Monumento, ao insigne Presidente familiar - com 14 anos (1897) lá estudou, *“in fine”* revendo-a (visitante colhedor de sinceras homenagens do Governo e do Povo), em 21 de abril de 1954, pouco antes do shakespeariano epílogo (24 de agosto), nota solene de um deliberado sacrifício: pelo ferido pundonor, pessoal e político, matou-se, numa voragem vesana siderado, e tragicamente saiu da vida para entrar na História! *“En passant”* recorde que o meridional estadista criou, na veneranda capital da unidade mediterrânea e da Independência metrópole

augusta, o Panteão do Museu da Inconfidência, para onde - gesto carinhoso e altivo - deslocou a repatriação das cinzas puras dos admiráveis nacionalistas de Vila Rica!

Em discurso rutilante (19/02/1925), na Câmara Municipal ouro-pretense, ao entronizar do Sagrado Coração a Imagem, *“o encantador, o impecável Arcebispo de Cuiabá, eclesiástico dos melhores, poeta dos maiores, nas alturas bondoso, como são os eleitos da Providência, etc...”* (opinião certa de meu grande mestre, orador consumado, brilhantíssimo Acadêmico Pedro Calmon), laureado Príncipe da Igreja e da Literatura, múltiplice Dom Aquino, reluziu:

“Assim como, Senhores, atestando aquelas primitivas convulsões telúricas, ficou, no alto das vossas montanhas, o monumento eterno do Itacolomy, assim também, culminando a história das vossas reivindicações políticas, a ombrear com estas cumeadas alterosas, emergiu, um dia, por sobre a cidadela coberta dos Capitães-Generais, a coluna granítica de Tiradentes.

Ao influxo divino destas bênçãos, há de sempre mais expandir-se o fluido misterioso e irradiante dessas energias imponderáveis, que fizeram de Ouro Preto, destronada embora das galas do seu principado político, a metrópole espiritual de Minas.

E ao sairmos desta casa e desta solenidade, uma impressão se nos grava, indelével, na alma, em contraste com a palidez mortal dos horizontes das capitais decaídas: é a de que Ouro Preto não morre, Ouro Preto revive sempre das próprias cinzas, Ouro Preto, a Vila Rica de antanho, nunca deixará de ser a cidade rica de fé, rica de liberdade, rica de tradições gloriosas, que transfiguram o seu ocaso, nos esplendores de uma apoteose perene”.

Autoridades, consócios, distinto público:

olox. Povo sem fé, sem crença, é o mesmo que povo desenraizado, errante, flutuante, aciganado, infixo, voltívolo, infirme, nômade. Reverenciemos todos, em concorrida cerimônia lítero-cívica, o mais extraordinário vulto de homem de convicção íntima, no Brasil nascido. Sua impressionante fé não conheceu meio termo, nunca lobrigou incertezas e limitações. Tiradentes acreditou na Pátria que alvorejava. Conduzido ao suplício, demonstrou irreprochável confiança em Deus e fé apostólica na vida eterna (Campo de São Domingos ou Lampadosa - Rio de Janeiro: sábado bonito, sol a pino, maio-dia; olhos no céu, lábios em prece, voz plangente, vago sorriso na boca, mãos algemadas envolvendo crucifixo, magra, cerácea, sobrenatural criatura, tocada de santidade, serenamente sobe 24 degraus do cadafalso maligno - espessas e grisalhas, barbas longas e largas no peito agitando - e, ao fatal empuxo do verdugo Capitania - melancolia silente, na perplexa multidão, metamorfoseia-se num global grito de pavor -, estrangulado sucumbe!).

Não titubeou em compreender que poderia o sacrifício **valer a pena**, extremo ato de fé na humanidade plausível! Projetou que merecia, o Brasil póster, a luta, o sofrimento, a morte, até no atíbul, por sua independência: marcante sinal, traço inequívoco de fé alcandorada! Porquanto “*Morrer*” é também um dos atos da **vida** “(Marco Aurélio, de Roma “*sapiens et probus Imperator*”), “Uma **vida** bem empregada conduz a uma **morte** tranqüila” (Leonardo da Vinci, universal gênio da escola florentina).

Ô predestinado liboês Fernando Antônio Nogueira Pessoa (13/06/1908 - 30/11/1935), da derradeira flor do Lácio maior poeta moderno, super-Pessoa heterônimo, enfatizou: “*Morrer é a curva da estrada, morrer é só não ser visto*” e “*A vida é breve, a alma é vasta*”. Como Tiradentes (12/11/1746 - 21/04/1792), não inteirou, cinquentenário (45 anos, o libertário-mor, 47, o bardo-geômetra).

“*Valeu a pena?*” Indaga Fernando Pessoa, para logo aclamar:

“*Tudo vale a pena, se a alma não é pequena*”!